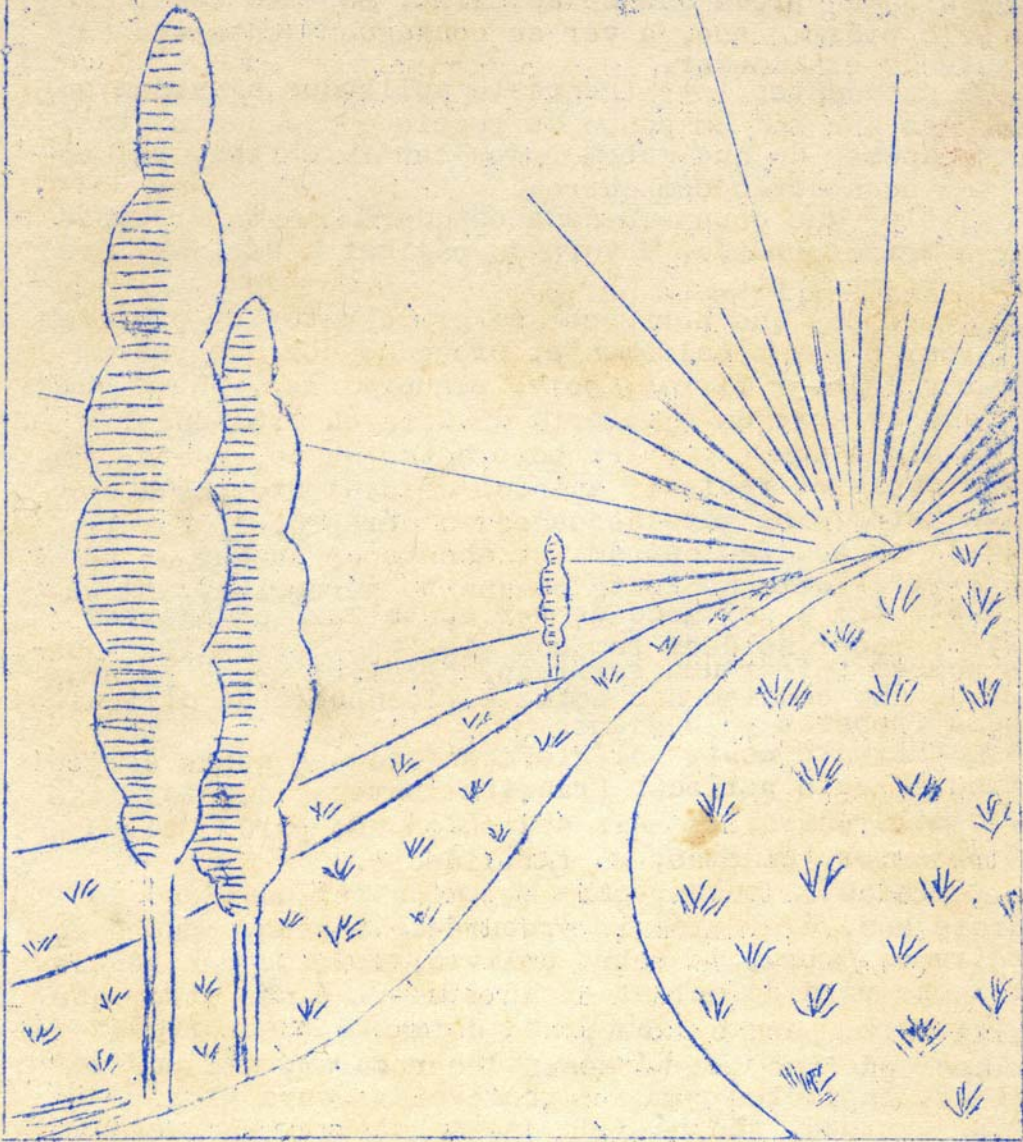


ARREBOI



Editorial

Vai terminar mais um ano lectivo.

E, à medida que o tempo das aulas passa, aproxima-se o flagelo de todos os alunos que têm exame.

Os excluídos, depois das provas decisivas, têm a recer a dura prova que se aproxima. Esperam estoicamente pelo próximo ano, a ver se conseguem sentar-se em frente do examinador.

Os estudantes inteligentes e aplicados aguardam, calmos, mas não sem um pouco de receio o dia das contas, pois, apesar do que sabem podem ser infelizes, tal como tem acontecido com outros.

Aqueles que pouco ou nada estudaram tentam recuperar o tempo perdido, devorando páginas e páginas, decorando regras, etc.

Alguns dos que pertencem ao grupo anterior preferem aguardar o exame calmamente, troçando dos que passam horas a folhear livros, pois, segundo eles, não é num mês que se aprende a matéria de dois ou três anos.

Há ainda quem, por ter boas notas na caderneta, se julga capaz de resistir a todos os contratempos e aproveita estes dias para descansar o cérebro, de maneira a tê-lo em sossego quando lhe acontecer chegar ao pé da "fera". Ideia um tanto ou quanto peregrina, mas cada qual, tem o seu modo de ver e, talvez, os adeptos deste parecer se deem bem com ele, não quere dizer que não possam sofrer uma surpresa, provável mesmo em alunos que não confiam nas notas e reconhecem as dificuldades impostas pelo exame.

O ambiente neste colégio modificou-se quase completamente neste período. Principalmente os quintanistas e, dentre estes, os mais aplicados não perdem tempo em passeios, cinemas, ou futilidades.

Acabadas as aulas, para se encontrar um aluno do quinto ano, é preciso ir procurá-lo à casa, onde o encontramos debruçado sobre o livro, fazendo penitência do tempo perdido durante todo o ano. Já não dizem que falta muito para o exame, não deixam de recapitular imensas páginas que há meses desprezaram, nem passam adiante capítulos quase desconhecidos para eles.

E, contudo, não há medo das negativas. Não estudam

para obterem notas satisfatórias, os mesmo regulares, para evitar os comentários do professor e dos pais.

Não. O fim é diferente. Decoram montes de páginas com medo de verem na pauta numa nota terrível: Reprovado.

R.

ELOGIO DO RADAR Proporcionou a todas as forças de terra, mar e ar, instrumentos que permitem apesar da obscuridade da chuva, do nevoeiro, das nuvens e do fumo, e ver mais longe, do que com os instrumentos ópticos, determinar a direcção, posição e distância dos objectivos, com toda a precisão desejada pelos artilheiros... Transtornou a táctica de todas as armas, quer na ofensiva quer na defensiva, permitiu agir de surpresa em numerosas circunstâncias, modificou as circunstâncias da navegação aérea; a ele se deve a possibilidade dos bombardeamentos aéreos em massa a todas as distâncias e com qualquer tempo. Foi a causa principal do desastre completo sofrido pelo inimigo na guerra naval, e particularmente na submarina, como da ruina de suas bases e força aérea.

E numa guerra futura, que papel não desempenhariam engenhos dirigidos automaticamente por dispositivos radar neles instalados! Já em 1944 apareceram em cena; mas qual não seria o seu poder destruidor, se fossem providos de explosivos nucleares?

Paris possui, desde há pouco, o mais poderoso radar de vigilância da Europa. É capaz de localizar um avião bimotor médio a 10.000 ou 12.000 metros de altura e a 150 km. de distância.

Da revista MAGNIFICAT de Abril



A S E M A N A

(Continuação da pág. 15)

Vejam-no dar três voltas ao campo (duas são dadas a passo, mas não dixeram, por isso, de ser voltas) e a executar lindos saltos sem derrubar uma única barreira (os saltos são dados enquanto corre, hábito que o nosso desportista criou não sei onde, e as barreiras não são derrubadas porque ele pára sempre à primeira, depois de várias tentativas de salto. Pára e rodeia o obstáculo...)

Não digo que ela seja campeão de boxe (título que o senhor Santo me concedeu) mas aprecio-o imenso, quando, de mãos nos quadris, cabeça levantada, joelho puxado para a frente, pergunta desdenhosamente;

— Há azar?!

Outro título que o senhor Espírito me atribuiu foi o de "O melhor atirador do Colégio". Não é verdade. No entanto, se a sua volumosa figura não fosse um alvo de masiado, fácil e os duelos não estivessem proibidos, com vidá-lo-ia para um encontro.

Seria meu desejo prosseguir com a réplica, mas como acho que disse o suficiente, termino.

UM SUPÓSTO JOGADOR DE
BOXE

AS A D I V I N H A S do
"MANÇEPUA"

- Porque é que o cão abana o rabo?
- Qual a coisa, qual é ela, que existe no meio do mar, no fim da terra e não se vê no mundo?
- Porque é que antigamente farmácia se escrevia com ph e hoje se escreve com h?
- Que semelhança há entre um forno e uma sapataria?
- Com que pó andam os carros?
- Qual é o animal que tem quatro patas e meia?
- O que fazem seis pardais nos beirais dos telhados?
- Qual é o animal que anda sempre zangado?
- Porque é que Ernestino começa com E e termina por um t?

ENVIADAS por "Mançêpua"
(1º ANO)

POESIA

UMA CAPA DE ESTUDANTE

Quando deixei a capa já velhinha,
Logo uma vida de outra se afastou
Pois aquela, saudosa e triste alminha,
Era alma que nenhum corpo guardou.

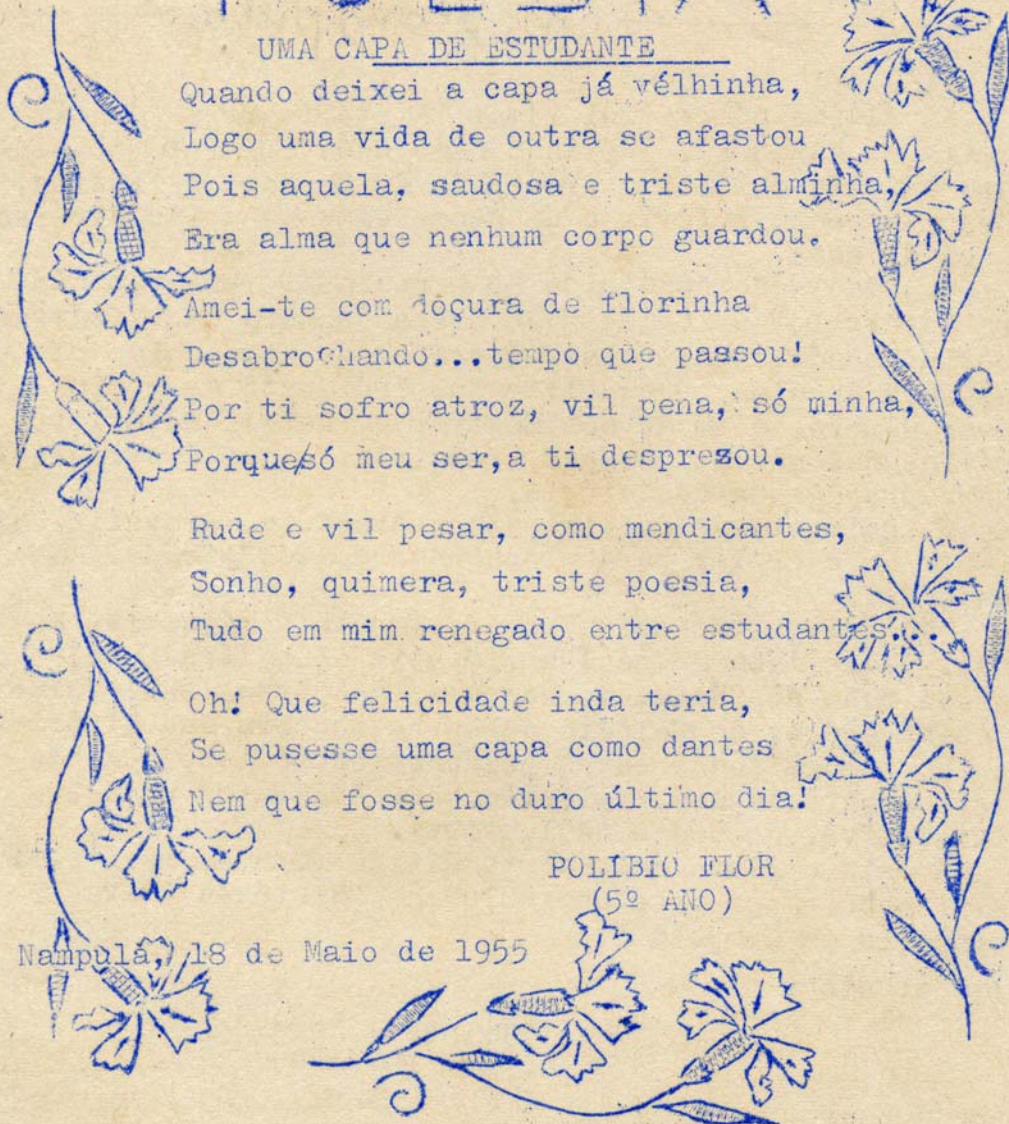
Amei-te com doçura de florinha
Desabrochando...tempo que passou!
Por ti sofro atroz, vil pena, só minha,
Porque só meu ser, a ti desprezou.

Rude e vil pesar, como mendicantes,
Sonho, quimera, triste poesia,
Tudo em mim renegado entre estudantes.

Oh! Que felicidade inda teria,
Se pusesse uma capa como dantes
Nem que fosse no duro último dia!

POLIBIO FLOR
(5º ANO)

Nampulá, 18 de Maio de 1955



Poesia

SINFONIA DAS NUVENS

Por Howell de Mendonça
(3º ANO)

Nasceu uma nuvem
De branca penugem:
—Um véu de arminho
Em céu cristalino
Para alguém rei pequenino
Dum reino sideral.

O rei menino
É Portugal

O cavaleiro andante
Do Santo Graal,
Passa os desertos,
Galga as montanhas
Avante! Avante!

O rei menino
Meu Portugal

Traz o ceptro dourado
Do teu forte poder
E vem! Vem a correr
Por desertos e mares
Até aos palmares
Da tua África imensa
Pois não és pequenino
O meu rei menino

Ligeira pomba branca
Riscou o horizonte,
E, na encosta do monte
Além, além,
Sem agonia,
Morreu a sinfonia
Das nuvens

A Pátria Mãe

POESIA

A MORTE DE UMA MÃE

Minha mãe agradeço os sofrimentos,
Todos os sacrifícios que tens feito.
Ainda há coração neste meu peito,
Para escutar agora os teus lamentos.

Aproximam-se os últimos momentos
Do teu passar na vida, insatisfeito,
Quando te vejo aí, no frio leito...
Não podes avaliar os meus tormentos!!

O filho que tu, tanto, tanto amavas,
E acima de tudo estremecias,
Lamenta, embora em vão, a tua sorte.

Antigamente tu é que choravas,
Porque então, como sempre, tu sofrias.
Agora, choro eu, por tua morte.

R U I
A L E X A N D R E
(5º ANO)



(continuação)

VII

Ei-los no Porto. Quase noite. O trânsito, enorme. As luzes acendem-se, iluminando tudo como de dia. As casas, altíssimas. Os automóveis seguem lentos e em fila. O pobre aldeão lembrava a sua aldeia, onde, àquela hora, era tudo silêncio, e contemplava, admirado, as coisas novas que se lhe iam revelando. O fidalgo, acostumado às suas perguntas, admirou-se de o ver tão calado e perguntou:

—Estás doente, Ramiro?

—Não, Senhor! Vejo tanta coisa que me não chega o tempo para as admirar e falar ao mesmo tempo.

—Terás tempo de ver tudo o que por aqui há. Agora vamos reservar lugar num hotel e, no fim de comermos, viremos dar um passeio e ver as coisas mais interessantes, com mais vagar.

Calaram-se os dois e, pouco tempo depois, entraram num dos melhores hotéis do Porto. Depois de devidamente alojados no quarto que lhes destinaram, desceram à sala de Jantar onde lhes serviram óptima refeição.

Escusado será ~~descrever~~ a impressão que tudo isto causava ao pequeno.

—Agora, que já comemos e ainda é cedo para nos deitarmos, queres ir dar um passeio pela cidade?—perguntou o Sr. Raimundo.

—Sim vamos que eu ainda não tenho sono.

Bem agasalhados, porque a noite estava fria, saíram os dois para a rua. Novamente, o mesmo barulho que uma hora antes já tinham ouvido: era o barulho dos carros, das pessoas andando e falando e dos pregões.

Dirigiram-se à parte comercial da cidade, onde existiam os grandes armazens com as suas montras muito iluminadas. Aqui, a admiração de Ramiro não teve limites. Olhava para os lindos brinquedos, para os tecidos finos, para os fatos expostos, para os sapatos, para os objec-

tos mecânicos e para tudo o que as melhores casas expõem à vista dos clientes ou transeuntes. O pastor não despregava os olhos de tudo aquilo; tudo lhe parecia sonho de fadas encantadas. Já não falava como durante a viagem, e o seu companheiro sabia porquê e, por isso, não o levou naquela noite a outros lugares que o deixariam mais extasiado.

No fim de passearem cerca de hora e meia, disse-lhe:

—É melhor irmo-nos deitar para descansarmos das fadigas da viagem. Amanhã e durante a semana toda, teremos tempo de ver a cidade inteira.

— A mim já me dói um pouco a cabeça.

—Isso não é nada, se dormires bem toda a noite, amanhã estarás fresco como um nabo. Para voltarmos mais depressa, vou chamar um táxi.

A palavra "táxi", não podia faltar a pergunta de sempre:

—O que é um táxi?

—É um automóvel como os que vês passar aí na estrada

—Olhe! Está ali um parado, vamos nele!

—Nem todos os automóveis são táxis...

E o senhor Raimundo explicou-lhe, conforme pôde, o que era um táxi e para que servia e, depois, foi a uma cabine telegráfica e, perante o espanto de Ramiro que não sabia o que ele estava a fazer, telefonou para a praça mais próxima a chamar um táxi. Enquanto esperavam o veículo, teve que lhe explicar também o que era um telefone e para que servia.

De repente, ouvem perto o chiar de uns travões. Um carro parou junto deles. Era o táxi pedido, um luxuoso automóvel moderno. O condutor saiu, abriu a porta de trás e o Sr. Raimundo e Ramiro sumiram-se no seu interior. Depois, o automóvel partiu.

Ramiro ia muito bem mas parecia-lhe que as casas é que passavam por ^{ele} toda a velocidade, como passavam os outros automóveis e o comboio.

Deitado no leito macio que lhe destinaram, Ramiro só muito tarde conseguiu dormir.

Tinha a cabeça pesada e todas as coisas que tinha visto lhe passavam confusas e baralhadas pela mente e diante dos olhos. Por fim, adormeceu e dormiu o resto da noite sossegadamente.

VIII

Já o Sol ia alto e inundava todo o quarto, e ainda Ramiro dormia a sono solto. Era o dia da feira e fazia-se tarde para assistir a ela, por isso, o Sr. Raimundo resolveu acordar Ramiro, embora tivesse pena disso.

—Ramiro! Ramiro! Acorda dorminhoco! Então, dormiste bem ou ainda te dói a cabeça?

O pequeno sentou-se na cama, esfregou os olhos por causa da luz e, fixando o seu amigo, disse:

—Dormi muito bem! Estou bem disposto, já me não dói a cabeça. Porque me não acordou há mais tempo? Estive-se a atrasar para ir para a feira por minha causa. Não sei como isto foi, em minha casa acordava ainda com estrelas e aqui com o Sol já alto.

—Não te rales, foi por causa do cansaço da viagem. Vai-te lavar e vestir, para irmos comer. Depois vamos à feira.

Dez horas em ponto. Os dois amigos saem do hotel para ir à feira. Para chegarem mais depressa tomam um eléctrico. Nova surpresa para o pequeno. A luz solar, podia examinar melhor as coisas do que na véspera. Mas, deixemos o zagal com a sua admiração costumada e vamos à feira onde ela se redobrará. Milhares de homens, mulheres e crianças, velhos e novos, vestindo quase todos os trajos típicos do nosso país aí se encontravam. O humilde aldeão, o cavador, os mais ricos lavradores, os banqueiros, os políticos orgulhosos ali acorreram na aquele dia. Todos os géneros se vendiam: tendas de brinquedos, loiças, tecidos finos, objectos artísticos, etc. Noutros sítios, havia os lavradores com as suas juntas de bois, ovelhas os cabras, ciganos a querer vender burros e cavalos velhos que previamente tinham embebedado com água-ardente para os tornarem mais fogosos. Mulheres a vender hortaliças e frutas, raparigas a vender flores. Corriam os ardinhas a apregoar os jor-

A SEMANA

O ENIGMA DOS CHAMADOS "DISCOS VOADORES"

1 Quando começaram a aparecer notícias do aparecimento dos chamados "discos voadores," formaram-se várias opiniões na multidão. Uns desacreditavam completamente, outros diziam que era mais uma aldrabice da imprensa americana, com o fim de aumentar a tiragem dos seus jornais e revistas, e outros (pequeno número) acreditavam. No entanto, continuavam a apontar-se mais casos de aparecimento dos referidos discos. Muita, muita gente dizia e tentava provar a existência da tão discutida aeronave. Outros ainda iam mais além, dizendo terem viajado neles.

Entretanto, começaram a aparecer fotografias obtidas por astrónomos eminentes, onde mostravam claramente um ou vários discos. Seriam estas fotografias autênticas ou seria um truque para iludir a multidão, ávida de notícias deste género?

Recentemente, porém, apareceram pessoas que diziam terem falado com os passageiros dos discos voadores e que estes lhes tinham dito que não eram doutros planetas como se supunha, e sim deste, mas de outro mundo: um mundo subterrâneo, onde reinava o verdadeiro rei da Terra, uma espécie de encarnação de Deus na Terra que vela pelos que habitam a superfície. Também contam que os discos voadores só aparecerão até 1.956 e que o aparecimento dos discos voadores tem sido só um aviso da parte dos mundos subterrâneos para conseguirem que a humanidade volte a entrar no seu verdadeiro caminho.


O mais sensacional, porém, e mais inacreditável que essas pessoas contam é que o verdadeiro rei da Terra, no ano de 1.956, virá bloquear todas as estações emisoras falando ao mundo, em todos os comprimentos de onda e na língua universal, idêntica à que se falava antes da Torre de Babel. Avisará, mais uma vez, a Terra

do seu próximo fim que está apazado para o ano 2.005, em que terminará o ciclo de Piciis e começará o de Aquarius. E, de todas estas declarações, quais serão as verdadeiras e as falsas? Não se sabe. Mas se é verdade o que contam está para breve a explicação dos tão misteriosos "discos voadores", mesmo sem a vinda do verdadeiro Rei da Terra lá dos seus antros profundos.

Amilcar Andrade

(4º ANO)

CRÓNICA DESPORTIVA

 FUTEBOL— A contar para a "taça 28 de Maio", jogaram no passado dia 15 no campo Eng. Pereira Leite as equipas do Sporting Club de Nampula e do Sport Nampula e Benfica. Venceram os Sportinguistas por 4 tentos sem resposta.

O Benfica apresentou-se desfalcado de dois elementos: Virgílio e Timóteo. O Sporting não apresentou Amâncio, tendo em sua substituição alinhado Miranda, que reapareceu em forma. A primeira parte terminou com as equipas empatadas a zero bolas, tendo ambas as equipas jogado fraco.

Na 2ª parte o Sporting impôs-se e marcou 4 tentos, mas o Benfica nunca desanimou e várias vezes pôs em perigo as redes leoninas onde Carlos Alberto se portou bem ajudado por Ramalho.

O Sporting podia ter aumentado o resultado, mas a excelente exibição do guarda-benfiquista, que não teve culpa em nenhum dos golos sofridos, impediu esse aumento.

Houve desagradáveis e lamentáveis incidentes, no decorrer do encontro, que a Associação devia punir.

A arbitragem do Sr. José dos Santos, foi aceitável.

Consta-nos que o Sport Nampula e Benfica protestou o jogo.

BOXE—Realizou-se no Club do Niassa, no dia 4 uma sessão de boxe entre profissionais e amadores. Na categoria de profissionais: Edemundo Domingues e Elias Cruz fizeram um combate nulo e Messias Moniz venceu Vitor Vida por desistência ao 6º assalto. Grande entusiasmo do público.

Vitor Mendes

O MÊS DE MARIA EM NAMPULA

3 Graças a Deus, o Mês de Maria em Nampula, tem sido condignamente comemorado.

Desde que nesta risonha vila vivo, este é o ano em que o Mês de Maria tem sido mais concorrido.

Realizou-se no dia 12 de Maio, depois do terço, a tradicional Procissão das Velas,

Graças aos esforços dos Srs. Padres desta paróquia foi uma das mais bonitas e abrilhantadas procissões até aqui realizadas, nesta vila.

O número de fiéis que a ela acorreram foi enorme.

As velas brilhavam na noite como estrelas, os cânticos à Virgem Maria ressoavam até longe e ainda até mais longe a Fé dos crentes. Estendia-se até ao Altar de Fátima, onde, naquela altura, muitos milhares de peregrinos, vindos de todo o mundo, ajoelhavam na terra que a Mãe do Céu abençoara com o seu olhar.

Foi, realmente, uma procissão de Fé e de Amor. Oxalá para o ano, ainda seja maior o brilho desta singela homenagem à Mãe de Deus.

Só foi pena que Sua Ex.cia Rev.ma o Sr. Bispo de Nampula não tivesse presidido a este acto.

Seguiu-se na Pró-Catedral, uma brilhante exortação pelo Reverendo P. Mário Correia.

No dia seguinte, dia da aparição da Mãe do Céu aos pastorinhos, as comemorações continuaram.

Para terminar, rogo a todos os meus colegas que peçam comigo à Virgem Maria a sua protecção e a sua benção.

FERNANDO GIL

~AO DAS PINCELADAS INOFENSIVAS~

4 Embora eu seja um dos que gostam de proceder segundo o conhecido provérbio "As palavras loucas orelhas moucas", não posso deixar de retorquir às palavras, um tanto reflectidas de um indivíduo que se acha digno de criticar os outros, como se estivesse livre de defeitos.

Na verdade, as minhas pernas são um tanto cabeludas mas pêlos nas pernas são próprios do sexo masculino.

Talvez o senhor Amílcar tocasse esse ponto mardido pela inveja, pois os seus membros inferiores gordinhos e delicados nada se parecem aos de um homem, que se orgulha de ser descendente de Adão.

Os sapatos são de tacão alto, porque, até hoje, logo que perco algum tacão, vou ao sapateiro para o substituir.

Quanto às ligas, é coisa que não uso, mas desculpo o engano do crítico, pois talvez as suas pálpebras adiposas sejam demasiado pesadas para o deixarem ver bem.

Talvez as patilhas estejam fora de moda, mas uma cara imberbe e limpa de penugem não poderá usar suíças, mesmo que seja só até ao meio das orelhas.

--Caros leitores, sabem qual a diferença que existe entre uns calções "shorts" e os usados pelo autor de "Pinceladas Inofensivas"?

--Os meus são curtos, mas os dele mais parecem dois sacos.

--Porque é que o senhor Andrade não é comandante de castelo e não promete lastíviás? Não será por considerar demasiado inferior para a sua categoria o referido posto da M. P.? Ou será, então, por não haver cintos com o S na fivela que consigam dar-lhe uma volta à cintura de "pilão".

Não sou desportista, mas mesmo que o fosse jamais conseguiria igualar os méritos do nosso futuro ás do Sporting C. N., que é o nosso conhecido Espírito Santo Andrade.

Se não acreditam, vão assistir a um treino do Clube mencionado.

nais, rapazes descalços com tabuleiros ao peito apregoando toda a espécie de drogas. Muito curioso era o espectáculo que ofereciam os "charlatães" encarregados de fazer reclame a várias coisas correntes, como: sabonetes, perfumes, pomadas, pentes, etc.

Em cima da carroçaria de uma caminheta ou de qualquer estrado improvisado é que eles exerciam as suas funções de reclamistas: faziam ilusionismo, truques bem pensados, etc. que aquela gentinha mais humilde via de olho arregalados e boca aberta, como se fossem verdadeiros milagres, e, no fim de tudo, lá vinha sempre a frase ou dito gracioso alusivo ao objecto a que davam publicidade. Atiravam mesmo grandes quantidades ao ar e todo aquele povo se atropelava para apanhar um exemplar.

Na altura em que um deles fazia reclame a caixas de fósforos, Ramiro puxa pela mão do Senhor da Quinta das Rosas e exclamou num grito:

--Que monte de gente é aquele que acolá está?
(continuará)

ARREBOL

SUMARIO: -----

EDITORIAL-----	2
EDOGIO DO RADAR-----	3
UMA CAPA DE ESTUDANTE-	5
HISTÓRIA DA SIMPATIA-	6
SINFONIA DAS NUVENS--	7
A MORTE DE UMA MAE---	8
? ? ? -----	9
A SEMANA-----	12

DIRECTOR: Arnaldo Freitas
Leal

EDITOR: Fernando Gil

ADMINISTRADOR: Rui Bivar

ILUSTRAÇÕES: António da
Silva Coelho

REDACÇÃO: Colégio-Liceu
VASCO DA GAMA

--:N A M P U L A:-

----- Namp., 21 de Maio de 1955

Série III-.-.

№ 11